

## IRACI CASSIANO SOARES (1950-1996): CONTRIBUIÇÕES DA POTIGUARA NO CENÁRIO EDUCACIONAL E POLÍTICO DA PARAÍBA

Márcia Cristiane Ferreira Mendes

*Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)* marciacfmendes@gmail.com

Giovanna Barroca de Moura

*Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)* giovannabarroca@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho pretende desvelar as histórias e memórias de Iraci Cassiano Soares, focando suas contribuições no cenário educacional e político na Paraíba - PB. Justifica-se a escolha da biografada em virtude de ter contribuído na educação sendo uma “professora leiga” e por ocupar espaços que eram considerados exclusivamente masculinos. Como recorte de pesquisa delimitamos o período de 1950 a 1996, por compreender a sua atuação nesse período, dedicando-se a educação, saúde e a política na Baía da Traição. Para trazer à tona todo seu legado, que corresponde à trajetória educacional e política, imbricadas em sua prática como professora leiga, apoiaremos a pesquisa pelos respaldos da História Oral Temática, por atribuir às narrativas dos sujeitos uma forma de ressignificação de acontecimentos vivenciados, proporcionando assim expor novos objetos e sujeitos no processo histórico. Para fundamentação teórica recorreremos aos conhecimentos produzidos pelos autores Thompson (1992); Meihy e Holanda (2007) e Meihy, Ribeiro (2011), por entender os avanços de suas pesquisas no campo da História Oral, e a necessidade de perceber e refletir sobre o contexto histórico em que as pessoas comuns estavam inseridas numa determinada época, denominada pelo campo científico de micro-história. No caso desta pesquisa, em andamento, são utilizadas fontes orais e impressas que ressaltam a importância da mulher indígena no cenário educacional e político da Paraíba. Ressalta-se ainda que ao longo de todo o trabalho investigativo percebemos a trajetória de luta das mulheres indígenas representada por Iraci, conhecida por “Tia Nanci”, por ultrapassar barreiras que pareceriam intransponíveis, como a inserção da mulher no mercado de trabalho e na política.

**Palavras-chave:** Educação. Política. História da Mulher Indígena.

### Introdução

Este trabalho é resultante de uma pesquisa realizada na Tribo do Forte, localizado na cidade da Baía da Traição – PB, com a finalidade de identificar a participação das mulheres indígenas no cenário educacional e político, que por meio da história/trajetória da Potiguara Iraci Cassiano Soares vislumbraremos toda essa memória coletiva em seu processo de escolarização, inserção no mercado de trabalho e na vida política.

No decorrer da pesquisa percebemos a importância de trazer à baila as vozes das mulheres indígenas no cenário educativo e político, como tantas outras educadoras descritas no século XX que participaram de movimentos feministas e que estiveram presentes no processo de reconstrução educacional.



Iraci Cassiano  
Soares.

**Fonte:** Acervo  
pessoal de Iraci

O objetivo deste artigo é trazer à tona a biografia de Iraci Cassiano Soares e sua contribuição para História da Mulher Indígena na Paraíba dentro do cenário educacional e político. A metodologia utilizada foi baseada nos fundamentos da História Oral, recorrendo aos autores que discutem essa temática, como Meihy (2007) e Thompson (1992).

A vida cotidiana de Iraci proporcionou uma apreciação sobre a coletividade das mulheres indígenas, numa compreensão micro para um olhar mais amplo. De acordo com Meihy (1996, p.11), é impossível apontar um lugar no globo em que as pessoas não estejam fazendo História Oral. Assim, este pensamento nos faz refletir que somos movidos por histórias individuais e coletivas, em que cada indivíduo constrói a sua trajetória de vida e que a oralidade está presente tanto na cotidianidade como na transmissão de uma cultura. Segundo Thompson: “[...] na verdade, a história oral é tão antiga quanto à própria história. Ela foi a primeira espécie de história”. (Thompson, 1992, p. 45).

Os estudos biográficos têm proporcionado ao campo da História da Educação consideráveis contribuições, emergindo a memória de pessoas que, de alguma forma, ficaram esquecidas na historiografia brasileira e paraibana. Sobre essa questão, Ferrarotti (1988, p.18) acrescenta, ainda, que os estudos biográficos revelam o reaparecimento dos sujeitos, face às estruturas e aos sistemas:

Se todo o indivíduo é a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual.

Os estudos relativos à História da mulher e sua atuação na educação tem crescido e pretendemos contribuir ao pensar sobre as questões das mulheres indígenas no Brasil e toda sua luta referente à sua inserção na educação e na política. Como afirma Pinheiro:

Fortalecem-se, portanto, os estudos relativos à história da educação, observando as questões da mulher ou de gênero (normalistas, intelectuais e professoras), da criança, da infância e do trabalho por eles realizados no passado e no presente, os estudos étnicos (negros e índios na escola formal)[...] É como se a constatação acerca daqueles que foram dominados, vencidos e silenciados pela história tradicional tivesse se exaurido, sendo, portanto, necessário identificar mais amiúde quem eram e quais são estes excluídos, silenciados... e pequenos. Ocorreu, de certa forma, a preocupação com a história vista de baixo. (2011, p. 258).

A “Nova História Cultural” que levou a historiografia a ser renovada, proporcionando um novo olhar aos novos objetos, e trouxe a participação das pessoas comuns como fontes importantes para as construções históricas. Afirma mais uma vez Burke (1992, p.59):

Mas a importância da história vista de baixo é mais profunda do que apenas propiciar aos historiadores uma oportunidade para mostrar que eles podem ser imaginativos e inovadores. Ela proporciona também um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdida, ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história.

Segundo Duarte (1995), os obstáculos fazem parte de todo o processo de interpretação e pesquisa histórica e, conseqüentemente, transforma-se em relevantes produções que impulsionam superar os desafios, à medida que exige do pesquisador atentar novamente aos detalhes despercebidos e a leitura nas entrelinhas das fontes. Nesta perspectiva de interpretar a história a partir de novos tratamentos sobre as fontes que pesquisamos os acervos particulares da biografada e bibliografias que reportam sobre a história da mulher indígena na Paraíba, como também suas próprias narrativas como testemunha fiel do movimentar de uma época.

## **2. Biografando Iraci Cassiano Soares**

Iraci Cassiano Soares nasceu em 1943 na Tribo do Forte, localizada no município da Baía da Traição – PB, e tem 73 anos. Toda sua história foi construída nessa tribo, bem como sua profissionalização e vivências que contribuiriam pensar sobre melhorias para toda sua comunidade.

Foram seus pais João Cassiano Soares, conhecido como Pai Grosso, e Maria Porfirio Cassiano Santana, conhecida como mãe grossa. Sua trajetória foi fortemente marcada por essa referência familiar, de luta por sobrevivência. Seus pais não tiveram acesso à educação, visto que a escola não fazia parte da rotina da tribo, no que Iraci tomou como ideário de vida, estudar e modificar sua condição de pobreza por meio da educação.

Na tribo constituiu família, tendo cinco filhos, mas apenas dois sobreviveram. “Eu tive 5. Iraldi morreu; Iranildo morreu também, esqueci o nome dos outros. Morreram 3. Morreram novinhos. Tenho dois Irenaldo e Irenildo. Foi porque morreu um Irenildo e coloquei o nome do outro que morreu. Já sei! Me lembrei! Idalmo, eles morreram bebês”. (SOARES, entrevista concedida em 11/08/2017).

Iraci, mas conhecida por todos da Baía da Traição como “Tia Nanci”, aprendeu com sua mãe a prática de parteira, trouxe por suas mãos vários bebês e, por isso, é respeitada e admirada em sua comunidade. Pelo seu espírito de liderança sempre buscava melhorias nas condições de vida do seu povo, por causa disso a população indígena sempre recorria a seu conhecimento e sua



autonomia para resolver os problemas que acometiam o coletivo ou individual, tanto na saúde, como na educação.

A sua formação educacional se deu no município de Rio Tinto - PB, próximo a Baía da Traição, pois na tribo do Forte, local em que residia, não havia escola. Para poder estudar, Iraci teve que trabalhar em casa de pessoas que tinham boas condições econômicas, mas que a exploravam com trabalhos domésticos, não recebendo nenhuma remuneração. O salário era pago com um prato de comida, abrigo e dispensa no horário noturno para os estudos. Nos finais de semana, como não havia transporte e nem rodovia, Iraci percorria a pé uma distância de 25 km, trajeto de sua casa na Tribo do Forte, localizada na Baía da Traição, até o seu trabalho em Rio Tinto – PB. Segundo Iraci:

Naquele tempo não existia transporte. Não existia nada. Para eu fazer naquela época o admissão que era a quinta série, mas quem não tivesse aquilo ali não sabia de nada, e eu queria muito aprender! Tinha muita vontade de estudar! Que minha mãe e o meu pai não tinha condições de colocar ninguém para estudar. Mas eu consegui uma casa para trabalhar em Mamanguape, mas só pelos estudos, não foi nem pelo dinheiro, eu não recebia dinheiro. (SOARES, concedida em 11/08/2017)

O anseio por melhores condições de vida para seu povo e para as mulheres indígenas foi oriundo de sua pertinácia dentro da tribo e fora dela, de tentar manter uma boa formação educacional e uma vida profissional reconhecida.

Ao voltar para a Baía da Traição, como meio de sobrevivência ensinava aos filhos dos indígenas, que pagavam por suas aulas, mas os representantes da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) a impediram de ensinar, justificando que ela não tinha formação para exercer tal prática e a partir daquele momento, seriam contratadas pessoas com a formação profissional para lecionar na tribo São Francisco.

Iraci exerceu a prática de Parteira, seguindo os ensinamentos de sua mãe, e quando a proibiram de ensinar, a FUNAI ofereceu a ela o curso técnico de Enfermagem como forma de sanar a falta de um corpo técnico especializado na área de saúde, o que salientamos também que na educação o déficit de profissionais era bastante elevado.



Eu ensina particular e os meninos que me pagavam, e aí chegou um Senhor lá da FUNAI que eu parasse de ensinar que eu não tinha o pedagógico, que vinha uma professora formada, eu falei: tá certo. Mas me

Iraci Cassiano Soares.  
**Fonte:** Acervo pessoal de Iraci

deixe pelo menos como merendeira ou para varrer. Aí ele disse: tá certo dona Iraci. Como a Senhora tem muita vontade de trabalhar eu vou arrumar uma coisa melhor para a senhora. Eles foram embora com 15 dias eles chegaram com uma boa notícia. Dona Iraci, arrumei uma coisa melhor para a senhora. Você irá fazer um curso de 6 meses lá em Alagoa Grande de Enfermagem. Eu tava gestante desse daqui... eu falei: eu vou! [...] Com o menino no braço, que eu tive lá. Quando foi com um ano o meu emprego chegou da FUNAI, um emprego federal. (SOARES, entrevista concedida em 11/08/2017).

Em relação a sua família somente Iraci percorreu os caminhos da educação e suas irmãs seguiram o mesmo trajeto de tantas outras indígenas que não tiveram acesso ao ensino escolarizado na tribo. Mantiveram-se no cuidado da casa, da terra e da pesca. “Não tiveram a coragem que eu tive. Ficaram ajudando mamãe no roçado, na enxada, e eu que criei essa coragem e fui, estudei” (SOARES, concedida em 11/08/2017).

Iraci também ocupou cargo de vereadora e prefeita da cidade da Baía da Traição – PB. Suas campanhas políticas tinham o slogan “A briga do Beiju contra a Lagosta”, que significava a representação da luta dos indígenas contra a pesca da lagosta, financiada por empresas pernambucanas, não só a lagosta naquele contexto, mas também contra as usinas açucareiras que tentavam dominar o território indígena. Todo o percurso educacional e sua solicitude em tentar amenizar o sofrimento de seu povo contribuíram a pensarmos nesta potiguara como representante do povo:

[...] Carregava os doentes para João Pessoa. Não é como hoje, era muito difícil. E eu sofria muito quando uma gestante não podia ganhar o menino em casa que eu ficava pedindo transporte. Passava noites esperando o carro que chegasse, porque aí eu achava que lá na prefeitura como vereadora seria mais fácil. Eu era mais conhecida e teria mais facilidade para mim. Não era só gestante que eu carregava. Carregava tudo. Quebrava um braço e eu tinha que carregar. Tinha uma dor eu tinha que levar. Assim! E aí eu me inscrevi para Vereadora por três vereadores, aí eu ganhei. Aí depois para vice-prefeita, aí ganhei para vice, depois de vice, aí o pessoal, você agora vai para prefeita. Eu disse: eu não quero! Eu não sabia de nada. Não sabia administrar, não tinha estudado para isso. Sei que me colocaram lá. Foi muito bom para ganhar, mas para administrar foi difícil. Houve a morte do secretário, o meu vice que já tinha sido prefeito, eram eles que iam me carregando ali, mas aí, houve vários projetos, mas não foi executado por não ter verba. (SOARES, entrevista concedida em 11/08/2017).

Todos esses fios aqui elencados fazem parte da trama de vida de Iraci Cassiano Soares e se tornaram essencial para compreendermos quão relevante é para a pesquisa acadêmica sobre as indígenas na Paraíba e sua formação educacional e política.



### 3. Iraci Cassiano Soares e a profissionalização docente

Ao falar da inserção das mulheres ao mercado de trabalho sempre recorreremos à história para compreender o contexto em que estavam inseridas. O discurso de predestinação coube à figura feminina por várias décadas, no sentido de que recebiam os ensinamentos religiosos e que as colocavam como inferior ao homem, sendo o fruto de seu pecado.

Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão. Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno. (PERROT, 2008, p. 17).

A inferioridade de gênero seguia também no processo educacional como também profissional, no que segundo Costa (1983), o papel de educar dentro das escolas não cabia às mulheres e sim aos homens, visto que as mesmas não tinham o acesso ao conhecimento nas instituições escolares. “[...] apenas os homens faziam parte. No auge da difusão das Escolas Normais na França, a educação das mulheres tinha pouca expressão, e sua preparação para a docência, menos ainda”. A educação tinha a incumbência de formar os sujeitos dentro de padrões morais, e logo a mulher da camada elitista foi identificada como agente disseminador de um comportamento moralizante desde o convívio familiar; preparando os filhos para vida em sociedade e ainda acompanhando o marido.

Esse pensando ainda se afirma ao mencionar que a mulher é a primeira educadora de seus filhos e por exercer grande influência sobre o marido, seria a hora de fomentar a educação feminina tanto na escola primária, como na preparação para a docência, acontecendo nos espaços educacionais e na Escola Normal, cuja finalidade era preparar os docentes para estarem nas salas de aula.

Aos poucos vão sendo articulados e re-arranjados argumentos que guardam alguma sintonia com o passado religioso da atividade, isto é, atributos ditos femininos vão se ligar ao caráter sacerdotal da docência e ajudarão a construir a representação da mestra: dedicada, modelo de virtudes, desapegada dos interesses egoístas, vigilantes e etc. (LOURO, 1997, p.3)



Ao pensar como se deu essa inserção, o mesmo discurso religioso que impedira as mulheres de seguirem na profissionalização, agora as incluía no magistério, se estavam predestinadas aos cuidados do lar, passariam, então, a estender esses cuidados ao ensino. Os cuidados maternos se alargariam aos cuidados com os alunos em sua profissionalização no magistério.

Aos poucos vão sendo articulados e re-arranjados argumentos que guardam alguma sintonia com o passado religioso da atividade, isto é, atributos ditos femininos vão se ligar ao caráter sacerdotal da docência e ajudarão a construir a representação da mestra: dedicada, modelo de virtudes, desapegada dos interesses egoístas, vigilantes e etc. (LOURO, 1997, p.3)

O mesmo regime patriarcal adentrava aos hábitos familiares, no que se refere à figura feminina e aos cuidados do lar. A cultura indígena também compreendia que as mulheres deveriam se ater aos cuidados dos maridos (chefes), dos filhos e às necessidades gerais da casa eram mantidos pelo provedor do sexo masculino.

O cotidiano da Indígena Iraci Cassiano Soares era burlar toda essa cultura patriarcal para ter acesso à educação e exercer uma profissão, atravessando olhares de rejeição por parte de alguns indígenas e da sociedade da Baía da Traição. Mesmo assim, ela percorreu caminhos que por vezes se tornaram conflituosos, mas que eram necessários para melhorar sua condição de vida e também a de seu povo.

Iraci teve uma atuação expressiva em sua comunidade, ainda jovem se inseriu na educação, e ao ser impedida de exercer tal profissão trilhou por outros caminhos, como na saúde e na vida política da Baía da Traição – PB. Mas todos esses percursos foram resultantes de muitos enfrentamentos, incluindo a cultura indígena que não permitia que as mulheres exercessem cargos públicos, refletindo em sua escolha ao ser questionada por seu esposo sobre sua profissionalização.

No tempo não houve uma combinação com meu marido. A gente se separou nessa época. Porque ele não aceitava que eu fosse trabalhar. Existiam muitos aqueles não deixavam as mulheres trabalharem. Meu marido tinha muito ciúmes. Eu era bem novinha, jovenzinha, gordinha, bonitinha! (risos). Agora não existe mais isso. Estão mais civilizados. Eu preferi trabalhar, estudar, melhorar de vida. Eu não queria viver toda vida no roçado. (SOARES, entrevista concedida em 11/08/2017).

O primeiro acesso ao mercado de trabalho, de forma remunerada, por Iraci foi a educação, exercendo o espaço de “Professora Leiga”. Mesmo não tendo a formação específica para atuar na educação, como o magistério, usou dessa prática para levar o conhecimento ao seu povo que não

tinha acesso ao ensino institucionalizado, e essa falta se deu também pelo fato de que as primeiras escolas públicas estavam localizadas no município de Rio Tinto – PB.

Ainda nesta incursão, encontramos informações que na França, no ano de 1794, sob a égide da Revolução, na turbulenta República Jacobina, foi criada a primeira Escola Normal oficial – École Normale – no mundo ocidental sob o aparato jurídico, ou seja, a cargo do Estado, destinada a formar professores leigos para atuar no ensino primário. (ARAÚJO, 2010, p. 38).

O outro espaço ocupado por Iraci foi a Saúde, nele ela se aperfeiçoou em uma área que já atuava como parteira, tendo afinidade por ter aprendido com sua mãe, ensinamentos que eram passados por tradições. “Também sou parteira. Aprendi com a minha mãe. Depois fui atualizar no curso que fiz, no treinamento que fiz em Alagoa Grande”. (SOARES, concedida em 11/08/2017).

Ao se profissionalizar na saúde, Iraci pôde contribuir em sua tribo e em outras comunidades, buscando uma qualidade de vida para os indígenas, relacionando que aprendeu pelas tradições com a ciência. Das ervas medicinais para a ciência:

“Chá de Macassá. Chá de Mangerona para aumentar a contração. Essas meninas que passam foi tudo eu que peguei. Eu trabalhei 30 anos como parteira como tudo aqui...agora isso eu trabalhava a pé... não existia esses carros. Depois que eu adoeci, no primeiro câncer, eu ia mais de cavalo ou na bicicleta, não existia moto. (SOARES, entrevista concedida em 11/08/2017).

Toda a trajetória educacional e profissional de Iraci Cassiano Soares contribuiu para que outras mulheres indígenas buscassem uma profissionalização, almejando alcançar voos através da educação. As educadoras que são mantidas pelo governo do estado da Paraíba, hoje século XXI, são todas indígenas, tendo formação superior em educação, seguindo um currículo apropriado à cultura indígena. Como afirma Iraci:

Do meu tempo pra cá, depois que essas professoras formadas chegaram foi melhorando. Agora não tem mais professora de outro canto, só professora da terra mesmo. As indígenas são professoras. Tem índias já se formando para Medicina, tem Índio que já se formou. Hoje tem meu neto que já se formou para dentista. (SOARES, entrevista concedida em 11/08/2017).

Essas mudanças favoreceram a escolarização dos indígenas proporcionando a inserção destes em cursos universitários, como afirma Soares (Entrevista concedida em 11/08/2017), algumas coisas melhoraram: na saúde, na educação. Antigamente morria muita gente de câncer, não tinha transporte. Já se formaram dentista, médicos [...].

A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) descreve a importância de manter viva a cultura local, no que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

Estes são os rumos de um período onde relegaram ao esquecimento histórico e no atual cenário (século XXI), estabeleceram não uma posição de igualdade, mas que já são perceptíveis suas atuações no mercado profissional e educacional.



Escola Municipal Indígena localizada na Tribo São Francisco na Baía da Traição - PB

#### **4. A vida política de Iraci na Baía da Traição – PB**

Iraci Cassiano Soares teve uma presença marcante na Baía da Traição, que refletiu em sua candidatura como prefeita deste município. A escolha fora aclamada por seu povo, que viu nesta indígena uma liderança que reconheceria as necessidades das tribos indígenas localizadas na Paraíba.

A forma que via e lidava com os cuidados aos indígenas desde a sua juventude a levou a ter uma visão mais ampla acerca das negligências governamentais perante os índios, como na educação e na saúde.

[...] eu trabalhava de enfermagem, eu aqui naquela época era parteira, assistente social, eu era tudo aqui...carregava os doentes para João Pessoa. Não é como hoje, era muito difícil. E eu sofria muito quando uma gestante não podia ganhar o menino em casa que eu ficava pedindo transporte. Passava noites esperando o carro que chegasse... [...] (SOARES, entrevista concedida em 11/08/2017).

Iraci se candidatou a vereadora e em outro momento a prefeita da Baía da Traição em 1992, exercendo o cargo até 1996, exatamente por ver que estando à frente da prefeitura as dificuldades encontradas por seu povo diminuiriam, “Porque aí eu achava que lá na prefeitura como vereadora seria mais fácil. Eu era mais conhecida e teria mais facilidade para mim” (SOARES, entrevista

concedida em 11/08/2017). Sua experiência na política foi aumentando, no que Iraci registrou sua candidatura para vereadora e prefeitura. “Inscrevi-me para Vereadora com 3 vereadores...aí eu ganhei. Aí depois para vice-prefeita, aí ganhei para vice, depois de vice, aí o pessoal: você agora vai para prefeita”. (SOARES, entrevista concedida em 11/08/2017).

A realidade diante da história que os retratam, desde o período de colonização, nos mostram que boa parte de suas terras foram invadidas, e pela falta de emprego boa parte dos índios se sujeitaram a estarem desmantando o que era de mais sagrado. Segundo informações da FUNAI (2004), os índios foram sendo empurrados aos poucos para fora de suas terras, impossibilitados, em grande parte, de viabilizar suas lavouras familiares e acabaram se transformando em trabalhadores rurais com empregos sazonais, nos canaviais, e um salário de fome.

A sua candidatura a prefeita teve como Slogan “A briga do Beiju contra a Lagosta”, exatamente pelos embates enfrentados para preservar o território Potiguara, que se resume em uma quantidade territorial ínfima. A disputa seria dos índios contra os proprietários da empresa de lagosta pernambucana como também os donos de usinas açucareiras. Todo o contexto Potiguara é significativo ao referendar o posicionamento firme de seu povo ao tentar resgatar sua cultura e também seu território como um bem maior, a preservação da natureza e tudo que nela produz.

A efervescência política era gerada pelos donos das terras e das usinas que vinham nessa manobra uma forma de favorecer seus interesses. Com a posse de Iraci como prefeita, sendo uma indígena, trouxera sentimentos de revolta por partes desses empresários, no que planejaram uma emboscada no intuito de impedir seu mandato. Segundo a FUNAI (2004) a concorrente de Nanci ao cargo na prefeitura era uma empresária da pesca da lagosta, financiada por empresas pernambucanas que não se conformaram com a derrota. O articulador político de Nanci, o comerciante Davi Falcão não chegou a ver o trabalho da prefeita eleita por ter sido assassinado a tiros em sua residência. Segundos relatos de Iraci ao site da FUNAI (2004): "Eles queriam me matar, como não conseguiram mataram meu secretário. Não gastei um tostão, não saí de casa para pedir um voto sequer, porque tinha vergonha, mas ganhei a eleição".

Toda a articulação política de Iraci era uma forma de rever a política mantida na Baía da Traição por várias décadas, que favorecia os usineiros, sendo mantidos por brancos elitizados.



Iraci Cassiano Soares.  
**Fonte:** Acervo pessoal de Iraci



Dessa forma, uma nova proposta de trabalho surgiu dentro desse município, às necessidades vistas pelos próprios indígenas não mais o inverso.

Essa atuação de Iraci provocou na sociedade possíveis mudanças no cenário onde as mulheres não eram vistas e nem bem vistas na esfera política e educacional, pois este era um espaço ocupado por homens. Uma liderança, sendo mulher e indígena na década de 1990, ainda não era expressiva, no que Iraci se tornou a primeira mulher indígena a ocupar um cargo político como prefeita na Paraíba. Tal expressividade influenciou outras indígenas a ocuparem cargos políticos e a se inserirem na educação como forma de conscientização crítica de sua condição como mulher, como também obterem uma profissionalização.

### **Considerações Finais**

A indígena Iraci Cassiano Soares, hoje (2017), encontra-se com 73 anos, residente ainda no município da Baía da Traição – PB, no que rememorou toda sua vivência ao mencionar sobre o seu processo de escolarização, como se profissionalizou e se inseriu no mercado de trabalho e na política.

No decorrer da pesquisa verificamos que a indígena citada teve uma presença marcante, tanto na esfera educacional como política. Era uma líder que levava adiante os anseios de seu povo e das mulheres indígenas, através da sua atuação.

Então, não podemos pensar em um fim de sua batalha, mas uma continuação daquilo que perpetuou através de sua prática. Todo o seu legado está marcado na política da Baía da Traição, sendo seguido por seus familiares e amigos.

### **Referências**

ARAÚJO, Rose Mary de Souza. **Escola Normal da Parahyba do Norte**: movimento de constituição da formação de professores no século XIX. João Pessoa: UFPB, 2010.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929-1989**: a revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 2 ed. Rio de Janeiro: Grall, 1983.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**: vida e obra. Natal: UFRN, 1995.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antonio & FINGER, Matheus (Orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Pentaendro Publicidade e Artes Gráficas, 1988.

FUNAI. **Potiguara comemoram consolidação política em Baía da Traição**. Site da Funai-Brasília-DF - 28/10/2004. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/noticia/13562>. Acesso em: 4 de set 2017.

LOURO, Guaciara Lopes. **Gênero e Magistério: identidade, história, representação**. São Paulo: Escrituras Editoras, 1997.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **As novas abordagens no campo da história da educação brasileira**. XAVIER, Libânea. TAMBARA, Elomar. PINHEIRO, Antonio Carlos (org). **História da Educação no Brasil: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI**. Vitória: EDUFES, 2011, v. 5.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história Oral**. Tradução de Lólio Lourenço. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

#### **Fontes Orais:**

SOARES, Iraci Cassiano. **Iraci Cassiano Soares**. Depoimento [11/08/2017]. Entrevistadora: Márcia Cristiane Ferreira Mendes. João Pessoa: 2017.